

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

**CONTRIBUIÇÕES DOS QUADRINHOS DE HENFIL
PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO NA ESCOLA**

Giovanna Carrozzino Werneck
Priscila de Souza Chisté Leite

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

**CONTRIBUIÇÕES DOS QUADRINHOS DE HENFIL
PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO NA ESCOLA**

PROFLETROS

Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação do Espírito Santo
Vitória, ES - 2018

Copyright © 2018 by Instituto Federal do Espírito Santo Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto Nº 1.824, de 20 de dezembro de 1907. O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

Observações:

Material didático público para livre reprodução.

Material bibliográfico eletrônico e impresso.

Catalogação na Publicação (CIP)

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

Werneck, Giovanna Carrozzino.

Violência contra as mulheres : contribuições dos quadrinhos de Henfil para a formação do leitor crítico na escola. / Giovanna Carrozzino Werneck, Priscila de Souza Chisté Leite. – Vitória: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2018.

58 p. : il.

ISBN: 978-85-8263-261-1 (ebook)

ISBN: 978-85-8263-264-4 (impresso)

1. Educação. 2. Ciência – Estudo e ensino. 3. Instituto Federal do Espírito Santo. Campus Vitória. 4. Comunidade e escola. 5. Professores – Formação. 6. Ensino – meios auxiliares. I. Werneck, Giovanna Carrozzino, Priscila de Souza Chisté. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

Realização:

Editora do Ifes

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Espírito Santo
Pró-Reitoria de Extensão e Produção

Avenida Rio Branco, nº 50, bairro Santa Lúcia
Vitória – Espírito Santo – CEP 29056-255

Tel.: (27) 3227-5564

E-mail: editoraifes@ifes.edu.br

Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras

Avenida Vitória, nº 1729 - bairro Jucutuquara
Vitória – Espírito Santo – CEP 29040-780

Design gráfico

Edson Maltez Heringer - 27 98113-1826



JADIR JOSÉ PELA

Reitor

ANDRÉ ROMERO DA SILVA

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

RENATO TANNURE ROTTA DE ALMEIDA

Pró-Reitor de Extensão

ADRIANA PIONTKOVSKY BARCELLOS

Pró-Reitora de Ensino

CRISTIANO TITÓ MELADO

Pró-Reitor de Administração e Orçamento

LUCIANO DE OLIVEIRA TOLEDO

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

Ifes – Campus Vitória

HUDSON LUIZ COGO

Diretor Geral

MÁRCIO ALMEIDA CO

Diretor de Ensino

CHRISTIAN MARIANI LUCAS DOS SANTOS

Diretor de Extensão

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI

Diretor de Administração e Planejamento

MÁRCIA REGINA PEREIRA LIMA

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

ANTONIO CARLOS GOMES

Coordenador do Profletras

S U M Á R I O

9	APRESENTAÇÃO
11	CAPÍTULO I A violência contra as mulheres no cotidiano dos alunos
17	CAPÍTULO II Estatísticas relativas à misoginia e ao feminicídio
22	CAPÍTULO III Tipos de violência contra as mulheres
31	CAPÍTULO IV Violência contra as mulheres negras
36	CAPÍTULO V Mulheres e trabalho
48	CAPÍTULO VI Mudança de atitudes: o combate à violência contra as mulheres

A P R E S E N T A Ç Ã O

Este material educativo foi desenvolvido no biênio 2016/2017 e integra uma pesquisa do Programa do Mestrado Profissional em Letras (Profletras), do Instituto Federal do Espírito Santo, *campus* Vitória, intitulada “Violência contra as Mulheres. Contribuições dos Quadrinhos de Henfil para a Formação do Leitor Crítico na Escola”.

A pesquisa tem como objetivo compreender como discussões sobre violência contra as mulheres, mediadas pela linguagem verbo-visual dos quadrinhos de Henfil e textos afins, podem contribuir para a formação do leitor crítico na escola, estimulando-o a atuar responsivamente em interlocuções voltadas para os aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos que envolvem esse tema.

O material encontra-se sistematizado em seis eixos temáticos: A Violência contra as Mulheres no Cotidiano dos Alunos, Estatísticas Relativas à Misoginia e ao Feminicídio, Tipos de Violência contra as Mulheres, Violência contra as Mulheres Negras, Mulheres e Trabalho e Mudança de Atitudes: o combate à violência contra as mulheres. Optamos por utilizar o termo “mulheres”, no plural, tendo em vista as diretrizes da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, com o objetivo de dar visibilidade à diversidade geracional, racial, de orientação sexual, de deficiência e de inserção social, econômica e regional existente entre as mulheres (BRASIL, 2011).

A pesquisa se justifica visto que o Estado do Espírito Santo apresenta a quinta maior taxa de mortalidade por homicídio de mulheres no Brasil e a primeira em relação

às mulheres negras¹, sendo imprescindível que a escola desenvolva ações para o enfrentamento de um problema que faz parte da realidade dos alunos e se constitui desde 1993, ano em que ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre os Direitos Humanos, como uma violação a tais direitos.

A escolha em trabalhar com a produção humorística do cartunista Henfil se justifica pela proposição de novas práticas de leitura voltadas para a linguagem verbo-visual dos quadrinhos em diálogo com outros textos, e para a formação de leitores críticos que apresentam uma compreensão responsável ativa ao construírem sentidos de forma renovada para os quadrinhos henfilianos, considerando o atual contexto sócio-histórico. Ressaltamos a atualidade dos temas tratados os quais, mesmo após quatro décadas, continuam presentes em nosso cotidiano.

¹ Dados referentes ao período de 2004 a 2014. Pesquisa Atlas da Violência 2016, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27406&Itemid=6. Acesso em: 25 abr. 2017.

CAPÍTULO I

A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO COTIDIANO DOS ALUNOS

A naturalização da violência contra as mulheres

A violência contra as mulheres faz parte de nosso cotidiano de várias maneiras, porém, por serem consideradas naturais, não as percebemos como atos que provocam sofrimento a outras pessoas. A naturalização dessas violências se faz presente em diversos espaços e discursos, que contribuem para que as agressões se tornem aceitáveis ou normais.

Este material traz algumas questões para ajudar você a refletir sobre a presença dessas violências em sua vida.

Atividade 1

- 1) Você já vivenciou algum tipo de violência contra as mulheres?
- 2) Na sua opinião, de que maneira a violência contra as mulheres ocorre em sua comunidade, casa, escola?
- 3) Você considera importante discutirmos esse tema? Por quê?
- 4) O que você já ouviu dizer sobre violência contra as mulheres?
- 5) Como as mídias e as redes sociais abordam a violência contra as mulheres?

A linguagem dos Quadrinhos de Henfil

Henrique de Souza Filho, o Henfil (1944-1988), foi um desenhista mineiro que buscou revolucionar a linguagem dos quadrinhos ao trazer novos elementos a sua produção humorística de crítica aos costumes da época, como: a utilização das cores preta e branca, o cenário com a predominância do vazio, a ausência de balões (Henfil utilizava apenas o apêndice para indicar a fala dos personagens), seus traços eficientes e rápidos, que pareciam não se conter em seu próprio pensamento, e seu humor crítico e político, que buscava não só

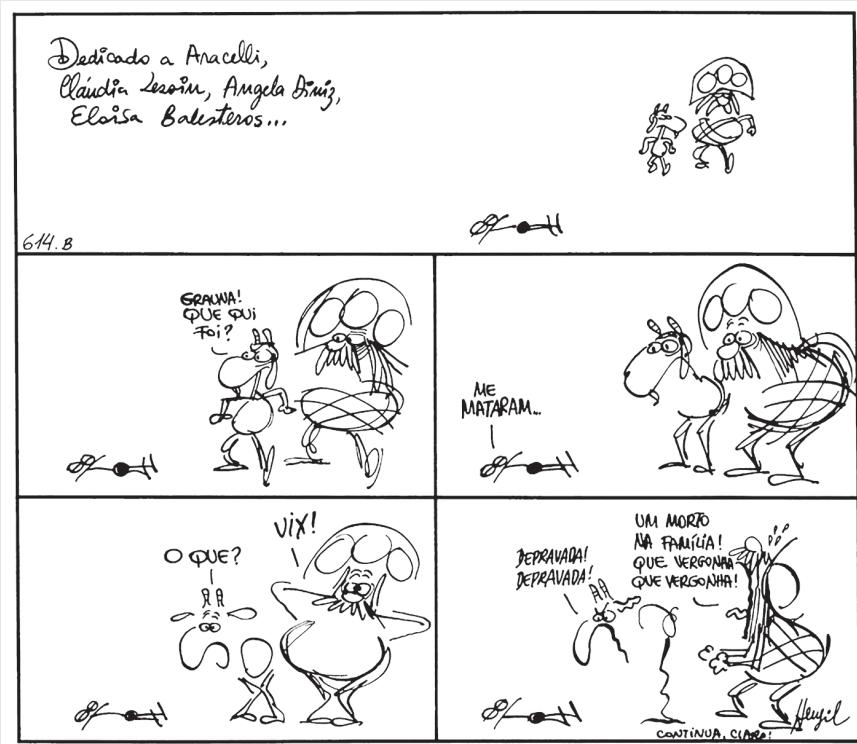
o riso, mas também “tirar o escuro das coisas” (palavras de Henfil). Assim, seus quadrinhos são textos nos quais a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual e enfatizando formas de junção assumidas por essas dimensões no processo de produção de sentidos (MALTA, 2008; PIRES, 2010).

Alguns de seus personagens merecem destaque e serão apresentados neste material: a Turma da Caatinga, formada pelo cangaceiro Zeferino, a ave Graúna das Mercês e o bode Orelana; os Fradins Baixim e Cumprido, dentre outros.

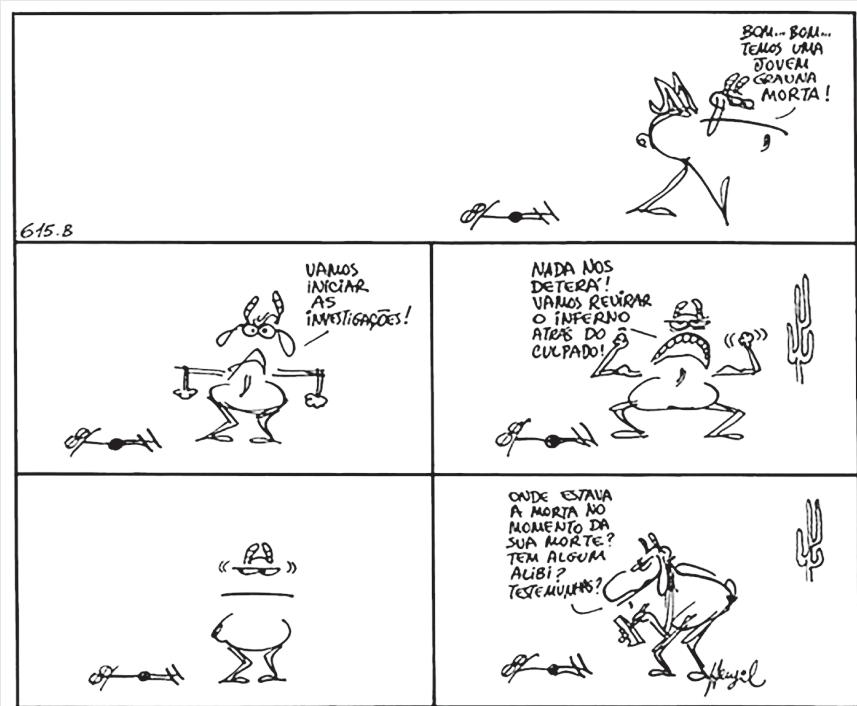
A originalidade dos quadrinhos de Henfil pode ser verificada na série intitulada *A Culpa é da Vítima*, produzida em 1980.

- Como estes quadrinhos podem ou não estar relacionados à violência contra as mulheres em nossa sociedade mesmo depois de tantos anos?

Figura 1 – Série *A Culpa é da Vítima* (parte 1)



Fonte: HENFIL, 1980

Figura 2 – Série A Culpa é da Vítima (parte 2)

Fonte: HENFIL, 1980


- No primeiro quadrinho da Figura 1 são apresentados por Henfil, em forma de dedicatória, nomes de quatro mulheres. Você já ouviu falar de algumas delas? O que pode haver em comum nos casos citados? Para responder a essas perguntas é preciso saber um pouco da história de cada uma.

“Aracelli, em 1973, aos oito anos de idade, foi estuprada e assassinada, supostamente, por três homens de famílias ricas e tradicionais de Vitória (ES), que foram julgados e absolvidos. Ela é o símbolo do Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (dia 18/05).

Cláudia Lessin foi assassinada em 1977, Rio de Janeiro, aos 21 anos. Estavam envolvidos no caso dois homens, sendo um deles, suíço, que não foi julgado pela justiça brasileira, e outro, sentenciado a três anos de detenção.

Ângela Diniz foi assassinada em 1976, Búzios/RJ, aos 32 anos, pelo seu companheiro Doca Street, condenado em um segundo julgamento (1981) a quinze anos de detenção. Antes disso, em 1979, ele havia sido condenado a dois anos, pois o crime foi considerado ‘em legítima defesa da honra’.

Eloísa Ballesteros foi assassinada em 1980 pelo seu marido, em Belo Horizonte/M.G. O réu, condenado a dois anos de prisão por ser réu primário e possuir bons antecedentes, obteve a suspensão condicional da pena’.

► Kika é uma grafiteira de Vitória, Espírito Santo, participante de coletivos que têm como objetivo dar visibilidade às mulheres no contexto do grafite e desenvolver intervenções urbanas relacionadas à violência contra mulheres. Dentre suas produções, destaca-se o Projeto Aracelli. Em Vitória, duas importantes avenidas da cidade possuem o nome das famílias supostamente envolvidas no caso Aracelli: Avenida Dante Michelini e Avenida César Hilal. Em 2013, quando o caso Aracelli completou quarenta anos, o coletivo Anarcafeministas, do qual Kika faz parte, apropriou-se desse crime de violência contra as mulheres e elaborou uma intervenção urbana. Nas avenidas citadas foram colocados adesivos imitando placas de ruas com o nome Avenida Aracelli em cima do nome original das famílias (MACÊDO, 2015).

Figura 3 – Coletivo Anarcafeministas. Projeto Aracelli. Vitória.



Fonte: ANARCAFEMINISTAS, 2015

Atividade 2

- 1) Os quadrinhos das Figuras 1 e 2 fazem parte de uma sequência de outros doze publicados em 1980 e intitulados *A Culpa é da Vítima*. Você já ouviu a expressão “culpabilização da vítima”? O que pode significar? Qual relação pode haver com os quadrinhos?
- 2) No último quadrinho da Figura 1, o que a legenda “continua, claro!” sugere?
- 3) Na Figura 2, o bode Orelana utiliza a expressão “temos uma Graúna morta”. Faria diferença caso ele utilizasse a expressão “temos uma Graúna assassinada”? Por quê?
- 4) Ainda na Figura 2, 4º quadrinho, o olhar de Orelana, sua postura, o silêncio e a presença de linhas cinéticas (na linguagem dos quadrinhos essas linhas são utilizadas para indicar movimento), podem ter qual sentido?
- 5) Na sua opinião, e com base nos elementos verbo-visuais presentes nos quadrinhos, qual a crítica apresentada por Henfil?
- 6) Qual o sentido da intervenção urbana realizada pelo coletivo Anarcafeministas, considerando a história de Aracelli, a quem Henfil também dedica seus quadrinhos (Figura 1)?
- 7) Quais as características dos quadrinhos de Henfil você consegue apontar nas Figuras 1 e 2?

Os espaços e discursos da violência contra as mulheres

A violência contra as mulheres está presente de diferentes formas em espaços, tais como: casas, ruas, ambiente virtual, hospitais etc. Encontra-se também em algumas falas que ajudam a naturalizar tais violências, legitimando-as. Por isso, é necessário refletirmos sobre elas para não as reproduzirmos. Os discursos mais comuns são:

- “Ele bateu porque gosta de você”, quando dito para mulheres e crianças.
- Uso da expressão “crime passional”, para se referir a um crime motivado por amor, paixão ou desejo, sendo, portanto, “justificado” por isso.
- “Existem mulheres que gostam de apanhar!! Só um tapinha, não dói!”
- “Ela deve ter feito alguma coisa para que isso acontecesse”.
- Falar para a vítima: “Se você se comportar melhor, talvez ele mude”.
- “Se ele sente ciúmes ou te bate é porque te ama!”
- “Ruim com ele, pior sem ele”.

- “Eu te amo e por isso não quero que você tenha amigos. Eu sou o único homem na sua vida, entendeu?!”
- “Mulher minha só sai comigo. Se sair sozinha e acontecer algo, a culpa é dela!”
- “Quem manda na minha mulher sou eu!”

É importante você saber que as agressões, geralmente, reproduzem um ciclo – chamado “ciclo de violência” – composto de três fases: a criação da tensão, o ato de violência e a fase amorosa, em que o agressor demonstra arrependimento e procura se desculpar ou se justificar (BRASIL, 2006).

Atividade 3

- Percebemos que a naturalização e a culpabilização das mulheres estão presentes em nossas falas e comportamentos, assim como nos quadrinhos de Henfil. Vamos, agora, analisar esses discursos a partir de suas experiências e história de vida. Escreva um texto em que você explica como essas frases podem ou não estar presentes em seu cotidiano.

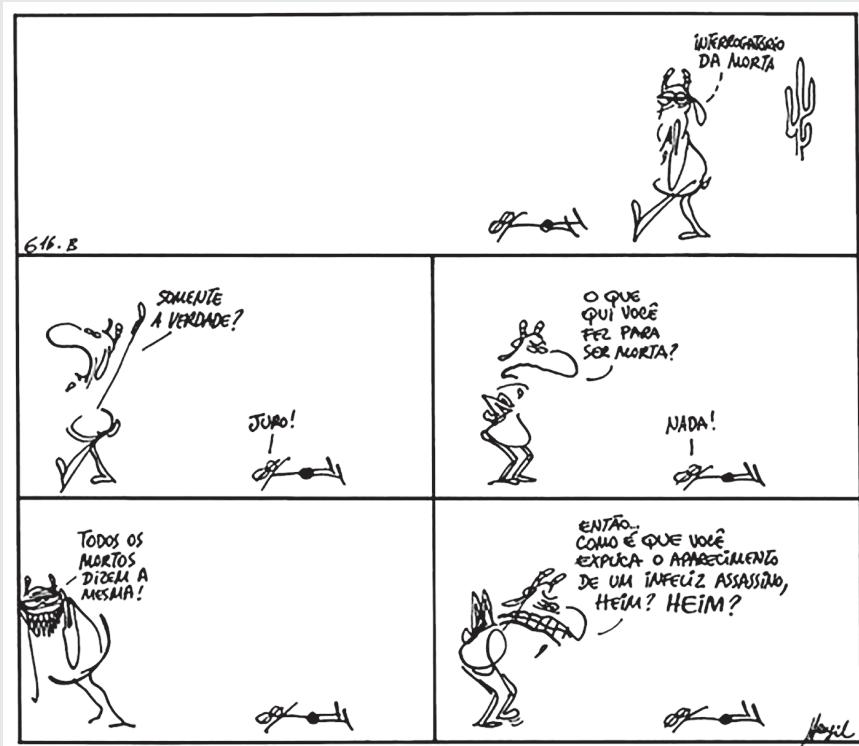
CAPÍTULO II

ESTATÍSTICAS RELATIVAS À
MISOGINIA E AO FEMINICÍDIO

Cronômetro da violência contra as mulheres no Brasil

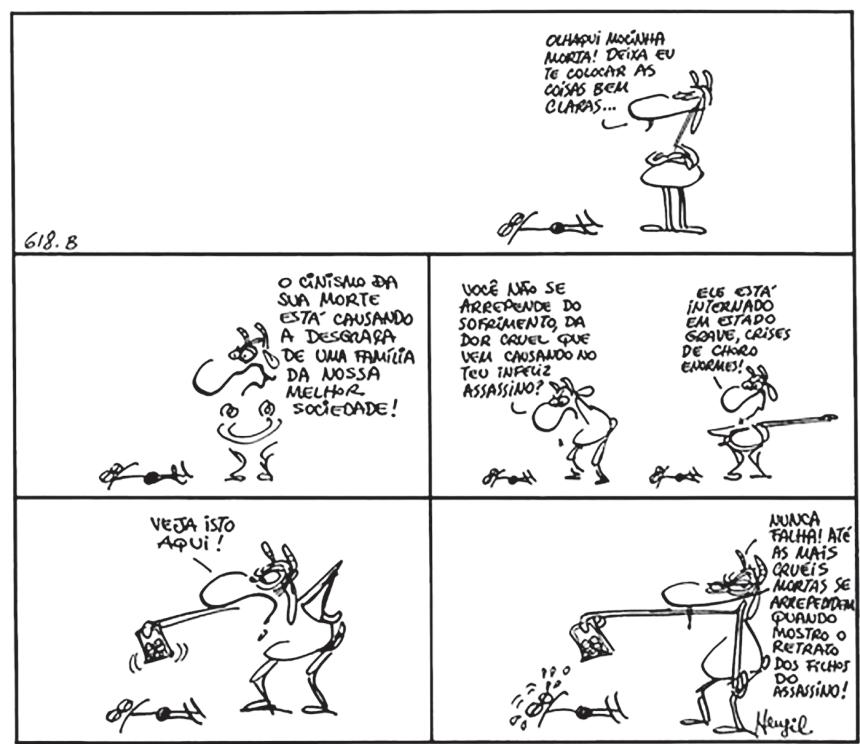
Os dados oficiais relativos às violências contra as mulheres são fundamentais para pensarmos na gravidade dessa questão e do que podemos fazer para estabelecermos relações mais igualitárias e menos violentas em nossa sociedade. Diante de tais números, o que Henfil teria a nos dizer? Para dialogarem com outros dois quadrinhos da série A Culpa é da Vítima (Figuras 4 e 5), seguem duas imagens (Figuras 6 e 7) com dados sobre a violência contra as mulheres.

Figura 4 – Série A Culpa é da Vítima (parte 3)



Fonte: HENFIL, 1980

Figura 5 – Série A Culpa é da Vítima (parte 5)



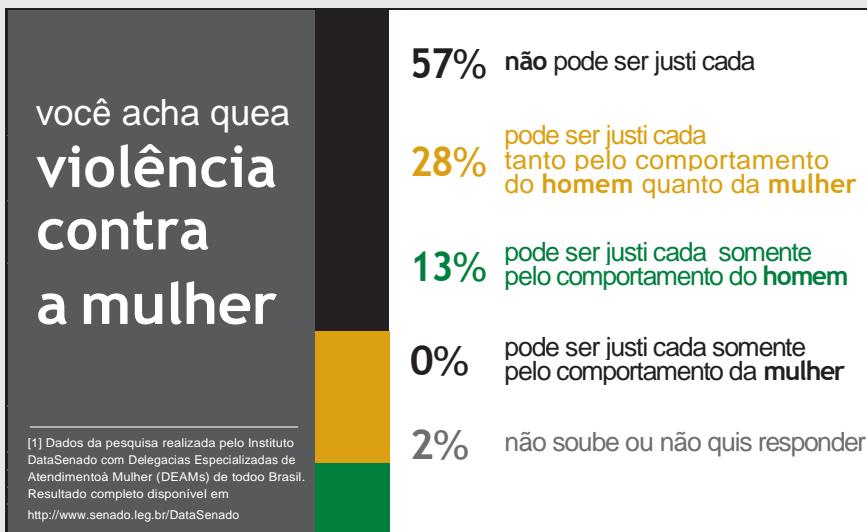
Fonte: HENFIL, 1980

Atividade 4

- 1) No primeiro quadrinho da Figura 4, o apêndice que indica a fala do Bode Orelana foi desenhado de maneira diferente dos demais. O que isso sugere?
- 2) No último quadrinho da Figura 4, a expressão “Heim? Heim?” foi escrita com letras de tamanhos e tons diferentes? Por quê?
- 3) No penúltimo quadrinho da Figura 5, há dois riscos de cada lado do retrato mostrado pelo bode Orelana. Nesse caso, qual o sentido das linhas cinéticas?
- 4) Pelas falas de Bode Orelana é possível caracterizar tanto a Graúna quanto o assassino. Que imagens são construídas pelo Bode, tendo em vista as palavras ditas por ele?
- 5) O que Henfil denunciou nos quadrinhos, considerando os elementos verbo-visuais utilizados?

A pesquisa do DataSenado (Figura 6) foi realizada por meio de amostragem com entrevistas telefônicas realizadas em 2015. A população considerada é a de mulheres com dezesseis anos ou mais, residentes no Brasil e com acesso a telefone fixo. Foram realizadas 1102 entrevistas, distribuídas nas 27 unidades da Federação².

Figura 6 – Dados sobre a violência contra as mulheres



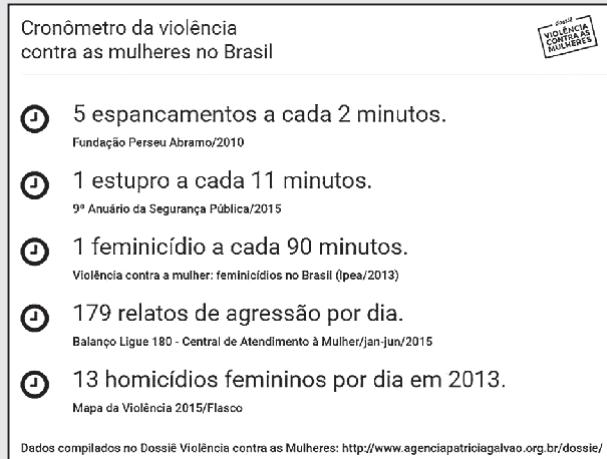
Fonte: COMPROMISSO, 2016

Os dados da próxima pesquisa (Figura 7) fazem parte do documento “O Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil”, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, com o apoio do escritório no Brasil da ONU Mulheres, da Organização Mundial da Saúde e da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Apresenta como principal fonte de dados para análise o Sistema de Informações de Mortalidade, da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde.³

² Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2015/08/10/violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher>. Acesso em: 30 dez. 2016.

³ Disponível em: <http://www.agenciapatriagalvao.org.br/dossie/pesquisas/mapa-da-violencia-2015-homicidio-de-mulheres-no-brasil-flacsoopas-omsonu-mulheresspm-2015/>. Acesso em: 30 dez. 2016.

Figura 7 – Dados sobre a violência contra as mulheres no Brasil



Fonte: WAISELFISZ, 2015

Atividade 5

- 1) Os dados da pesquisa (Figura 6) apresentam alguma proximidade com a sua realidade? Se você realizasse essa pesquisa quais seriam os resultados?
- 2) Complete a seguinte frase: “Eu acho que a violência contra as mulheres...”.
- 3) Qual relação pode existir entre o resultado dessas pesquisas e os quadrinhos de Henfil da série A Culpa é a Vítima, criados em 1980?
- 4) A Secretaria de Educação do Estado do Paraná, em parceria com outras secretarias, desenvolveu a Campanha Escola Livre de Violência contra a Mulher, cujo objetivo é o enfrentamento às violências sofridas pelas mulheres. Na sua opinião, qual a importância de trabalhar essa questão nas escolas?

Feminicídio e a Misoginia: por que é importante usar essas palavras?

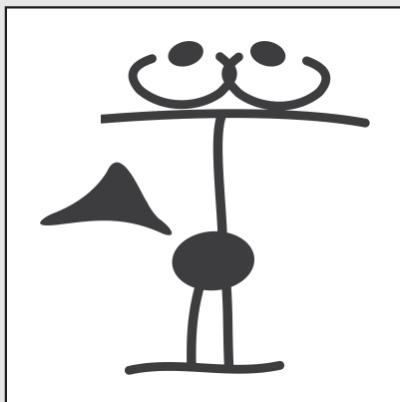
A mídia costuma divulgar crimes contra mulheres que, frequentemente, dividem a opinião pública. Uns, buscam motivos para o crime na própria vítima: a mulher. Outros, entendem que a vítima não deve ser responsabilizada, devendo o crime ser apurado com imparcialidade jurídica e sem os estereótipos de como devem se comportar homens e mulheres em nossa sociedade. Compreender a misoginia e o feminicídio nesse contexto pode ser uma ferramenta importante para estruturar políticas e ações de combate à violência contra as mulheres.

Nesse sentido, para entender o que aconteceu com a Graúna nos quadrinhos da série A Culpa é da Vítima, é importante você conhecer os conceitos de feminicídio e misoginia. Junto com seu professor, pesquise o significado desses termos e a relação deles com os quadrinhos de Henfil.

Atividade 6

- Agora, produza um texto que conte com os conceitos pesquisados e apresente de que forma a misoginia e o feminicídio estão presentes em sua realidade.

Figura 8 – Fragmento de quadrinho



Fonte: HENFIL, acesso em 2016

CAPÍTULO III

TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

A violência não é só física

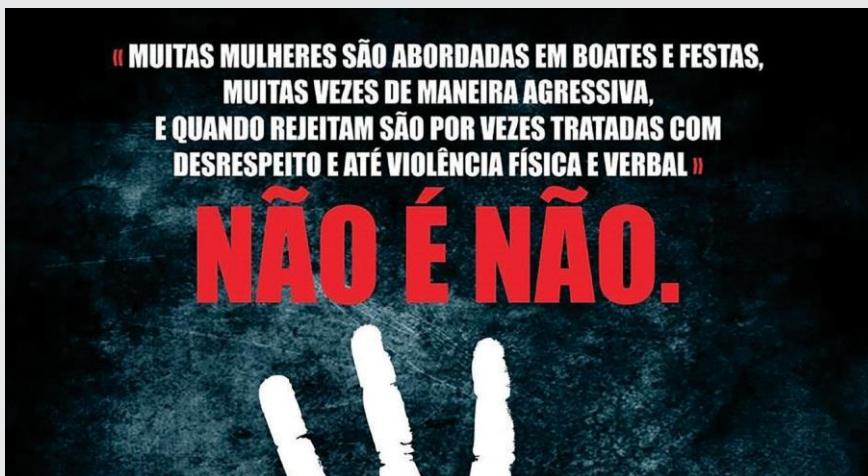
Podemos imaginar que a violência só está presente quando é física ou existe agressão ao corpo. Porém, há outras formas de violência que provocam sofrimento, dificultam nossas relações e nos distanciam das outras pessoas. São as violências patrimoniais, sexuais, estruturais, psicológicas, morais, que acontecem tanto em espaços públicos quanto privados, estando, portanto, nas ruas, em nossas casas, nas redes virtuais, nos programa de TV e nas propagandas. Identificá-las e compreender como se manifestam são fundamentais para evitar que outras mulheres sejam vítimas delas.

Figura 9 – Tipos de violência contra as mulheres



Fonte: MINISTÉRIO, 2016

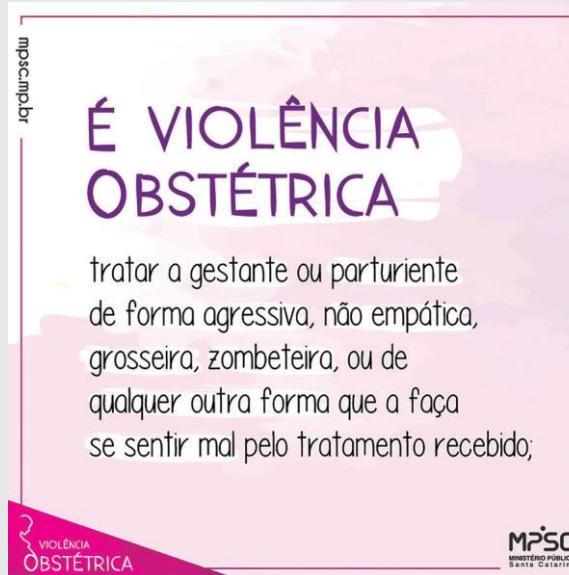
Figura 10 – Campanha sobre a violência contra as mulheres



Fonte: Sindicato, 2016

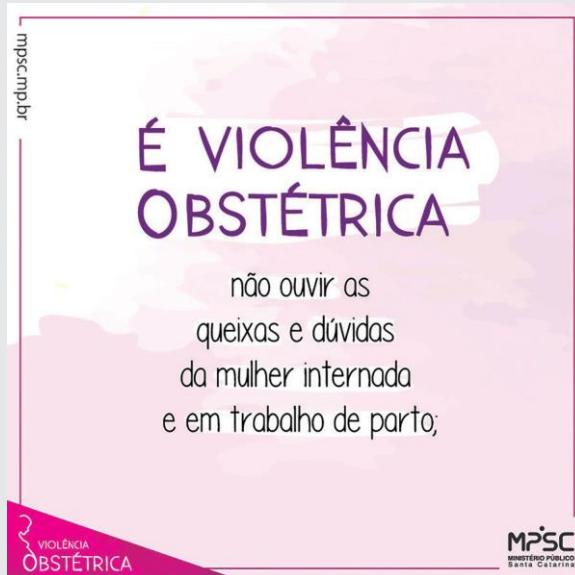
Existem outros tipos de violência contra as mulheres, como a obstétrica e a virtual. Ocorre violência obstétrica quando, durante o parto, a mulher percebe que algo está errado, sente-se agredida ou humilhada, mas nem sempre percebe que sofreu a violência. A falta de informação é um dos principais fatores que naturaliza esse tipo de violência.

Figura 11 – Exemplo de violência obstétrica



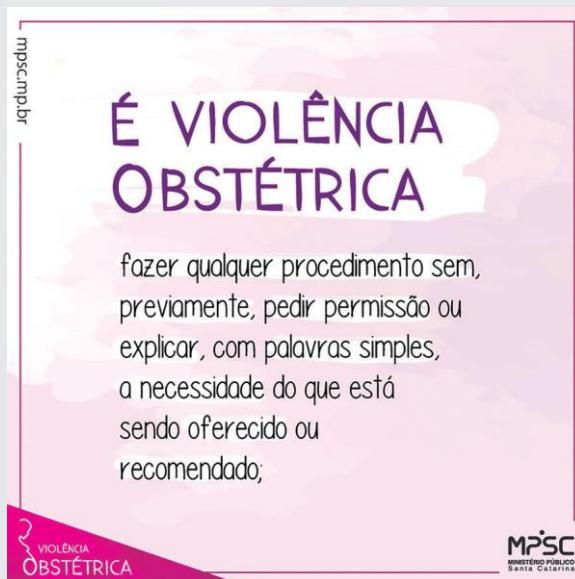
Fonte: MINISTÉRIO, 2016

Figura 12 – Exemplo de violência obstétrica



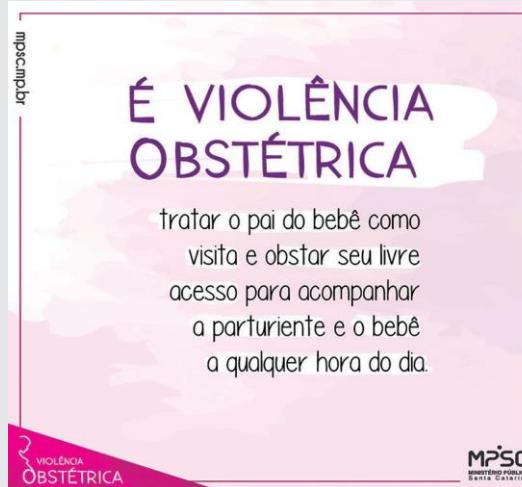
Fonte: MINISTÉRIO, 2016

Figura 13 – Exemplo de violência obstétrica



Fonte: MINISTÉRIO, 2016

Figura 14 – Exemplo de violência obstétrica



Fonte: MINISTÉRIO, 2016

Mulheres sofrem um tipo específico de violência em ambientes virtuais e em maior escala do que os homens: perseguição, assédio sexual e ameaças de violência sexual. Seguem alguns dados, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU):

- ▶ 73% das mulheres já sofreram algum tipo de violência no espaço virtual;
- ▶ 27 é o número de chances a mais que as mulheres têm de sofrer assédio virtual em comparação comhomens;
- ▶ 61% dos assediadores sexuais no ambiente virtual são homens;
- ▶ Mulheres jovens têm mais chances de serem perseguidas e assediadas sexualmente.⁴

Atividade 7

- 1) Podemos perceber que além da violência física, existem outras que podem ser cometidas contra as mulheres. Muitas delas são explícitas, porém outras podem passar despercebidas, como é o caso da violência simbólica⁵. Cite uma situação em que ocorre esse tipo de violência?

⁴Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/05/O-que-sabemos-sobre-a-viol%C3%A7%C3%A3o-virtual-contra-as-mulheres>. Acesso em: 20 abr. 2017.

⁵Entende-se como todo tipo de violência “suave”, não explícita, invisível a suas próprias vítimas.

- 2) Diariamente, ouvimos piadas, ditados populares, histórias, que se constituem em violências cometidas contra mulheres. Tendo em vista as suas vivências e percepções, escreva sobre elas.
- 3) A Figura 10 apresenta uma imagem de campanha contra o assédio sexual a mulheres em festas e boates. Escreva suas considerações a respeito desse fato tão comum em nossa sociedade.
- 4) Você já sofreu algum tipo de violência virtual ou conhece alguém que já passou por ela? Conte um pouco sobre isso.
- 5) Na sua opinião, por que as mulheres são mais suscetíveis à violência virtual do que os homens?
- 6) Tendo em vista o contexto histórico e cultural em que foram produzidos os quadrinhos de Henfil, você acredita que a violência virtual foi um tema denunciado pelo cartunista? Apresente argumentos.
- 7) Ao denunciar um fato social que existia na sociedade da época e permanece nos dias de hoje, Henfil fez sua crítica utilizando o humor. De que forma o humor está presente nos quadrinhos? Para que serve o humor, afinal?

A violência doméstica

“O que a senhora fez para ele te bater?
Por que você não denunciou da primeira vez que ele bateu?
Por que ela não se separa dele?
Ela provocou.
É mulher de malandro, eles se merecem.
Ficou desesperado pelo amor não correspondido e acabou fazendo uma loucura.
Ela tem que aguentar as agressões porque tem filhos e não pode se separar.
Não seria bom para eles”.

Sob diversas formas e intensidades a violência doméstica contra as mulheres é recorrente e presente no mundo todo, motivando crimes, sofrimento físico e psíquico e violações dos direitos das mulheres. Mesmo assim, frases como essas ainda são repetidas por pessoas (independente de classe social e raça), pela mídia e por aqueles que deveriam investigar tais crimes e ouvir as mulheres, acabando por buscar motivos para culpá-las pela violência sofrida e minimizando a gravidade do comportamento dos agressores.

Henfil, em um de seus quadrinhos da Turma da Caatinga (Figura 15), aborda um tipo de violência comum nos lares. Na sua opinião, a violência doméstica é problema que precisa ser discutido em sua comunidade? Por quê?

Figura 15 – Quadrinhos sobre violência doméstica



Fonte: HENFIL, 1976

Atividade 8

- 1) Nos quadrinhos da Figura 15, o que Henfil procurou denunciar?
- 2) A Graúna faz uma distinção entre o Sul Maravilha, representado pela palavra “lá” e a Caatinga, representado pelo “cá”. Que diferenças são essas? Será que elas persistem mesmo quarenta anos depois? Explique.
- 3) Na sua opinião o uso de álcool está relacionado à violência contra as mulheres? De que forma?
- 4) Já vimos características dos quadrinhos de Henfil em outras atividades. Quais você consegue identificar na Figura 15?

A reportagem a seguir aponta dados referentes à violência contra as mulheres, trazendo para nosso debate outras questões relativas às mulheres negras.

Figura 16 – Trecho de reportagem sobre violência contra as mulheres no Brasil

Alguns números sobre a violência contra as mulheres no Brasil

Embora muitos avanços tenham sido alcançados com a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), ainda assim, hoje, contabilizamos 4,8 assassinatos a cada 100 mil mulheres, número que coloca o Brasil no 5º lugar no ranking de países nesse tipo de crime. Segundo o Mapa da Violência 2015, dos 4.762 assassinatos de mulheres registrados em 2013 no Brasil, 50,3% foram cometidos por familiares, sendo que em 33,2% destes casos, o crime foi praticado pelo parceiro ou ex. Essas quase 5 mil mortes representam 13 homicídios femininos diários em 2013.

1) Homicídio de mulheres negras aumenta 54% em 10 anos: o Mapa também mostra que a taxa de assassinatos de mulheres negras aumentou 54% em dez anos, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013. Chama atenção que no mesmo período o número de homicídios de mulheres brancas tenha diminuído 9,8%, em 2013.

2) Violência sexual no Brasil: o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) analisou os registros de violência sexual e concluiu que 89% das vítimas são do sexo feminino e em geral têm baixa escolaridade. Do total, 70% são crianças e adolescentes. Em metade das ocorrências envolvendo crianças, há um histórico de estupros anteriores. 70% dos estupros são cometidos por parentes, namorados, amigos ou conhecidos das vítimas.

3) Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres (Data Popular/Instituto Patrícia Galvão, 2013): para 70% da população, a mulher sofre mais violência dentro de casa do que em espaços públicos no Brasil. É o que mostra pesquisa inédita, realizada com apoio da SPM-PR e Campanha Compromisso e Atitude pela Lei Maria da Penha, que revelou significativa preocupação da sociedade com a violência doméstica e os assassinatos de mulheres pelos parceiros ou ex-parceiros no Brasil. Além de 7 em cada 10 entrevistados considerarem que as brasileiras sofrem mais violência dentro de casa do que em espaços públicos, metade avalia ainda que as mulheres se sentem de fato mais inseguras dentro da própria casa. Os dados revelam que o problema está presente no cotidiano da maior parte dos brasileiros: entre os entrevistados de ambos os性os e todas as classes sociais, 54% conhece uma mulher que já foi agredida por um parceiro e 56% conhece um homem que já agrediu a parceira. 69% afirmou acreditar que a violência contra as mulheres não ocorre apenas em famílias pobres.

Fonte: COMPROMISSO, 2016

Para dialogarmos com os quadrinhos de Henfil e com a reportagem (Figura 16), leia o poema de Sérgio Tross, Ingredientes.

Ingredientes

Uma porta que se abre
Um homem que ergue o braço, o dedo
Um dedo que se move
Uma luz que se acende

Um passo que é dado
Um silêncio que estala
Um gemido que se ouve
Uma voz que resmunga

Um rosto de mulher que se oculta na cama
Um rosto de homem que se revela no hálito
Uma interrogação que incomoda, feminina
Uma resposta que não satisfaz, masculina
Uma interrogação que se repete, feminina
Uma resposta que agride, masculina
Um palavrão que desabafa, feminino
Um tapa que estala, masculino
Um grito de dor, feminino
Um bocejo, masculino
Eis a receita. E o conto.

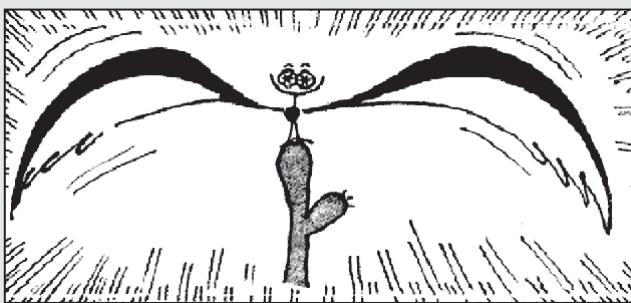
TROSS, Sérgio. *Garfo e água fresca*. São Paulo: Ática, 1977. 80 p.

Atividade 9

- 1) O que a reportagem aponta sobre a violência doméstica no Brasil?
- 2) Que diálogo pode ser estabelecido entre os quadrinhos da série *A Culpa é da Vítima* e a reportagem do ano de 2016 (Figura 16)?
- 3) A reportagem cita: “[...] para 70% da população, a mulher sofre mais violência dentro de casa do que em espaços públicos”. Na sua opinião, por que isso ocorre?
- 4) Qual a relação dos dados apresentados na reportagem com os ditados “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” e “roupa suja se lava em casa”?

- 5) Como você conceituaria “violência doméstica”?
- 6) Da mesma maneira que Henfil, Sérgio Tross procurou denunciar a violência doméstica tratando-a como um problema público e não só de âmbito privado. O ditado “em briga de marido e mulher não se mete a colher” é utilizado para se referir à violência doméstica. Que sentidos você produz para esse ditado popular?

Figura 17 – Fragmento de quadrinho



Fonte: HENFIL, 1977

Atividade 10

- No poema, Sérgio Tross narra um episódio envolvendo violência doméstica a partir de um narrador (eu-lírico) que não participa da história. Agora, escreva um texto sobre violência doméstica sob o ponto de vista de alguém que está presente na história, como um(a) filho(a), a mulher, o homem, um(a) vizinho(a).

CAPÍTULO IV

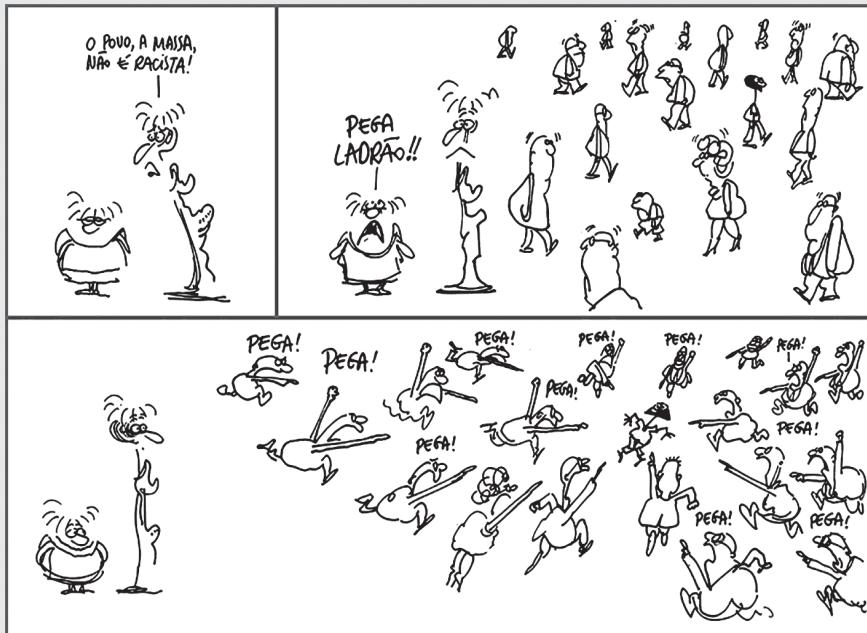
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NEGRAS

Mulheres e racismo

As mulheres negras são mais vítimas de violência do que as brancas e as raízes do problema estão relacionadas ao histórico de escravidão da população negra. Ao mesmo tempo, elementos culturais contribuem para a manutenção e aumento da violência e discriminação contra essas mulheres.

Será que as mulheres negras e brancas sofrem as mesmas violências? Qual a relação entre racismo e violência contra as mulheres? Existe racismo em sua comunidade? Os quadrinhos de Henfil podem ajudar a esclarecer algumas questões.

Figura 18 – Quadrinhos sobre racismo



Fonte: HENFIL, 1977

Atividade 11

- 1) O que Henfil denunciou nos quadrinhos dos personagens Baixim e Cumprido (os Fradins)?
- 2) Apesar de ter sido produzido em 1977, a situação retratada no quadrinho (Figura 18) pode acontecer novamente nos dias de hoje? Por quê?
- 3) As falas dos personagens foram escritas em tamanhos diferentes o que indica possíveis sentidos. Quais seriam?
- 4) A crença de que no Brasil não existem conflitos raciais é o resultado da difusão do conceito de democracia racial. Pelos elementos verbo-visuais presentes nos quadrinhos (Figura 18), Henfil defende a ideia de que vivemos em uma democracia racial? Explique.
- 5) Qual a relação entre racismo e violência contra as mulheres negras?
- 6) A partir de suas experiências, responda: existe racismo em sua comunidade? Dê sua opinião considerando fatos vividos por você.
- 7) Sobre as mulheres negras no Brasil, que tipo de violências elas podem sofrer?

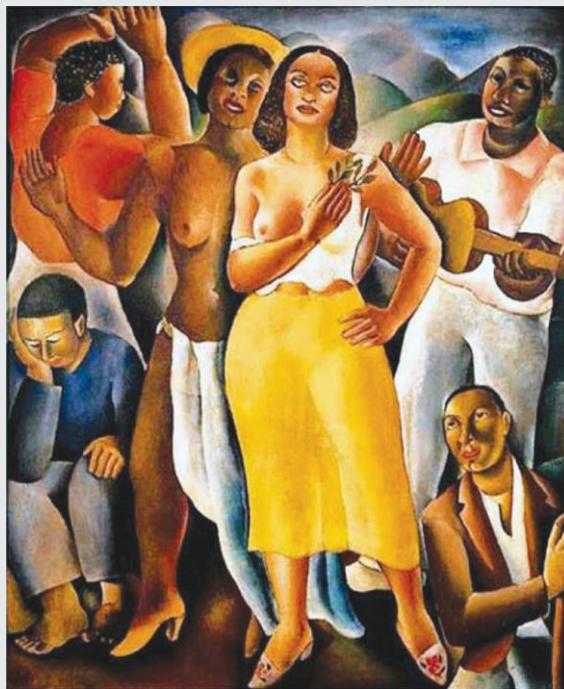
Para discutirmos um pouco mais sobre racismo e as violências que sofrem as mulheres negras, leia as duas pinturas e a gravura dos artistas Jean Baptist Debret (Figura 19), Di Cavalcanti (Figura 20) e Canato (Figura 21). Debret (1768-1848) foi um importante artista plástico francês que chegou ao Brasil em 1816. Suas obras formam um importante acervo das impressões desse artista sobre a cultura brasileira da primeira metade do século XIX. Di Cavalcanti (1897-1976) foi um pintor modernista, ilustrador, quadrinista e muralista brasileiro. Destacou-se por ser um dos primeiros artistas a pintar elementos da realidade social brasileira, como festas populares, as favelas, operários das grandes cidades, o samba, dentre outros. Canato é um artista paulista nascido em 1965. Desenvolve trabalhos de gravura em metal e aquarela; realiza painéis, murais e capelas em São Paulo, tendo o corpo humano como protagonista de seus trabalhos.

Figura 19 – Gravura de Jean Baptist Debret: Um Jantar Brasileiro (1827)



Fonte: INSTITUTO, acesso em 2016

Figura 20 – Pintura de Di Cavalcanti: Samba (1925)



Fonte: ENCICLOPÉDIA, acesso em 2016

Figura 21 – Pintura de Canato: Madona do Leite (1985)



Fonte: CANATO, acesso em 2016

Atividade 12

- 1) A gravura e as pinturas trazem representações visuais de negras marcadas por clichês ainda ligados ao tempo da escravidão, tais como: a serviçal, a ama de leite, escrava, sensual, objeto sexual. Na sua opinião, essas representações ainda persistem nos dias de hoje? De que maneira?
- 2) Atualmente, como a TV, os jornais, os livros didáticos e os *outdoors* retratam as mulheres negras?
- 3) Para você, essas representações pejorativas das mulheres negras podem influenciar sobre a violência cometida contra elas? Explique.

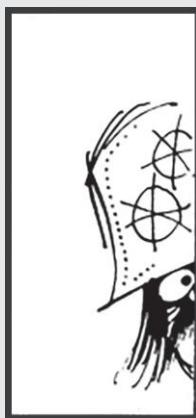


Atividade 13

Nesse momento, a fim de sistematizar o conhecimento produzido por você nas leituras propostas e diálogos em sala de aula, realize a seguinte atividade:

- Nos jornais e revistas distribuídos, observe como as mulheres negras são representadas e as notícias em que aparecem.
- Em um segundo momento, produza um texto sobre racismo e mulheres negras.

Figura 22 – Fragmento de quadrinho



Fonte: HENFIL, acesso em 2016

CAPÍTULO V

MULHERES E TRABALHO

O trabalho para homens e mulheres

Segundo o Fórum Econômico Mundial, o Brasil encontra-se na 133^a posição no ranking de igualdade de salários entre homens e mulheres, formado por 134 nações. Além disso, mesmo ocupando cargos semelhantes aos dos homens, as mulheres ainda recebem menos. Quanto ao trabalho doméstico, predomina-se a ideia de que cabe às mulheres realizá-lo, levando-as à dupla (ou tripla) jornada de trabalho. Como seria a vida de um homem se coubesse a ele realizar todos os trabalhos exigidos para o cuidado com a casa e com os filhos? Para refletir sobre essas questões, assista ao curta “O Sonho Impossível?”⁶. Depois, vamos ver o que Henfil (Figura 23) tem a nos dizer sobre o trabalho doméstico e os dados apresentados em uma reportagem (Figura 24).

Figura 23 – Quadrinho sobre trabalho doméstico



Fonte: HENFIL, acesso em 2016

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dKSdDQqkmlM>. Acesso em: 14 jul. 2017.

Figura 24 – Trecho de reportagem sobre trabalho doméstico



Dona de casa: o rosto das mulheres invisíveis

Por herança cultural, por escolha pessoal ou por questões circunstanciais, a nossa sociedade conta com um grande número de mulheres que dedicam suas vidas, exclusivamente, aos cuidados da casa e da família, desempenhando o papel conhecido como “dona de casa”.

Às vezes, esse trabalho se sobrepõe a outros trabalhos remunerados, momentos nos quais a mulher se torna “dona de casa” paralelamente. Seja como for, ser dona de casa é um trabalho duro e sem reconhecimento, que até o dia de hoje é quase desempenhado somente por mulheres.

Fonte: A MENTE, acesso em 2016

Atividade 14

- 1) No quadrinho de Henfil (Figura 23), diante da fala do marido, qual a percepção que ele tem a respeito do trabalho doméstico?
- 2) O marido fala para a esposa: “[...] queria te falar dos meus planos de arrumar um emprego procê ajudar na casa”.
 - a) Por que Henfil optou pela palavra “procê” e não “para você”?
 - b) O que significa para o marido “ajudar na casa”?
 - c) Existe algum tipo de violência contra as mulheres presente na fala e na intenção do marido? Apresente seu ponto de vista e argumente.
- 3) Quais características da produção humorística de Henfil podem ser encontradas no quadrinho (Figura 23)?
- 4) Como a personagem parece se sentir com a fala do marido? O que o levou a essa conclusão?
- 5) Qual a relação entre o quadrinho de Henfil (Figura 23) e o trecho da reportagem (Figura 24)?
- 6) Na sua opinião, o trabalho de dona de casa é ainda um trabalho sem reconhecimento? Por quê?



Atividade 15

Para ajudar você a sistematizar o conhecimento apropriado nas interações promovidas por este material, faça a atividade abaixo com a mediação de seu professor:

- 1) Em dupla, realize uma entrevista com outro colega de classe e depois apresente para a turma os dados produzidos.
 - Como é a constituição de sua família? Quem trabalha em casa e quem trabalha fora?
 - Como são divididas as tarefas domésticas em sua casa?
 - Na sua opinião, há alguma diferença na divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres na sua casa? Explique.
 - O que poderia ser modificado em sua casa em relação à divisão das tarefas domésticas?
 - Qual a sua opinião sobre o trabalho doméstico?

O trabalho para mulheres brancas e negras

Com relação ao tipo de trabalho realizado por mulheres brancas e negras, a discriminação é visível pelos números. Segundo divulgou a Organização Internacional do Trabalho, mais de 70% das mulheres negras que exercem algum tipo de trabalho, remunerado ou não estão inseridas no grupo do chamado emprego precário, totalizando apenas 498.521 mil empregos formais. Em melhor situação estão as mulheres brancas, com cerca de 7,6 milhões empregos formais.⁷ Percebe-se que a raça também é fator determinante para as condições de trabalho entre mulheres, afetando a qualidade de vida de mulheres negras que tendem a desempenhar funções de baixa remuneração, perpetuando, assim, o ciclo de pobreza.

Vamos abordar as condições diferenciadas entre o trabalho doméstico remunerado exercido por mulheres brancas e negras. Para tanto, veja os dados apresentados em uma reportagem em diálogo com um quadrinho de Henfil. Em seguida, leia a sinopse do filme Histórias Cruzadas e assista a alguns trechos dele.

Figura 25 – Trecho de reportagem sobre trabalho doméstico com recorte de raça

Trabalho doméstico é a ocupação de 5,9 milhões de brasileiras

Se a condição de trabalho das empregadas domésticas é ruim, a das trabalhadoras domésticas negras é ainda pior. Elas são maioria, têm escolaridade menor e ganham menos. Em 2014, 10% das mulheres brancas eram domésticas, índice que chegava a 17% entre as negras.

Entre as trabalhadoras com carteira assinada também existe diferença. O percentual é de 33,5% entre as mulheres brancas e 28,6% entre as negras. “As mulheres negras vão mais cedo para o mercado de trabalho, não conseguem estudar e também são mães mais jovens. Toda essa conjuntura faz com que elas se sujeitem a condições mais precárias”, analisa a presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad), Creuza Maria Oliveira.

E esse não é o único desafio que precisa ser enfrentado. Para Creuza, a sociedade precisa se questionar por que esse ainda é um ofício para mulheres e, principalmente, para mulheres negras. Sobre isso, a baiana Marinalva de Deus Barbosa analisa: “Trabalho doméstico é feminino porque é muito desvalorizado. Se fosse mais valorizado haveria mais homens, como aconteceu com a profissão de chefe de cozinha. Antes, as pessoas tinham vergonha. Agora é moda, está cheio de homens lá. É triste que ainda haja isso em nossa sociedade”.

Fonte: BRASIL, 2016

⁷Disponível em: http://www.geledes.org.br/mulheres-negras-recebem-ate-172-menos/#gs._h_REFa. Acesso em: 01 mar. 2017.

Para dialogar com a reportagem, leia o quadrinho de Henfil (Figura 26). Em seguida, você vai assistir a trechos do filme Histórias Cruzadas para auxiliar na reflexão sobre a cultura racista existente em vários países, o que interfere na maneira como mulheres negras e brancas vivem suas experiências e sofrem violências.

Figura 26 – Quadrinho sobre trabalho doméstico e mulheres negras



Fonte: HENFIL, acesso em 2016

Antes de assistir a trechos do filme *Histórias Cruzadas*, leia a sua sinopse:

Baseado no livro *A Resposta*, publicado no Brasil pela editora Bertrand Brasil, o filme narra a produção de uma obra pelo ponto de vista das empregadas domésticas dos anos 60 nos Estados Unidos. Essas figuras, sempre negras, de baixa renda e moradoras de subúrbio, sofriam ainda mais discriminação que os demais afrodescendentes da cidade. Havia regras que determinavam como negros deveriam se dirigir aos brancos, como utilizar os transportes público, as casas de pessoas brancas e demais lugares. Com as domésticas, a discriminação não se encontrava somente na rua, mas também em seu trabalho. Elas mantinham as casas dessas mulheres brancas, limpas, seguras e fartas em comida, além de cuidarem de suas crianças. Além disso, havia também o trabalho que elas deveriam realizar nas próprias casas e os filhos que necessitavam de cuidados, em um tempo que cabia apenas à mulher ser responsável pelas crianças e serviços domésticos. Nas moradas que cuidavam, eram vistas sempre como inferiores e ignorantes. Não havia uma relação que não fosse trabalhista e não envolvesse ordens entre as patroas (brancas) e suas empregadas (negras). No filme, há um momento no qual uma das personagens levanta a ideia de promover uma lei para proibir que elas utilizem o mesmo banheiro dos demais membros da casa. Segundo ela, as empregadas possuíam germes e outros malefícios que não poderiam ser compartilhados pelo uso do mesmo sanitário. Isso além de outros absurdos particulares que podem ser vistos ao longo do filme [...].

Disponível em: [https://mestredasresenhas.wordpress.com/2012/02/23/
resenha-historias-cruzadas/](https://mestredasresenhas.wordpress.com/2012/02/23/resenha-historias-cruzadas/). Acesso em: 19 abr. 2017. (adaptado)

Atividade 16

- 1) Quais as diferenças entre o trabalho doméstico remunerado exercido por mulheres brancas e negras?
- 2) Na sua opinião, por que existem essas diferenças?
- 3) Será que também há diferenças nas condições de trabalho de mulheres negras e brancas fora do ambiente doméstico? Explique.
- 4) Qual a crítica feita por Henfil (Figura 26)?
- 5) Que diálogos podem ser construídos entre a reportagem (Figura 25) e o quadrinho (Figura 26)?

MC Carol é uma mulher negra que escreveu uma música sobre violência contra as mulheres. Carol também faz referência a mulheres negras que realizaram mudanças na história e ocuparam espaços tidos como “não adequados para mulheres”, porém pouco ou nada sabemos sobre elas e suas histórias de luta e superação, geralmente, invisibilizadas nos currículos escolares. Você consegue imaginar o porquê?

100% FEMINISTA

Presenciei tudo isso dentro da minha família
Mulher com olho roxo espancada todo dia
Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia
Que mulher apanha se não fizer comida
Mulher oprimida, sem voz, obediente
Quando eu crescer eu vou ser diferente
[...]

Represento Aqualtune, represento Carolina
Represento Dandara e Chica da Silva
Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro
Forte, autoritária
E às vezes frágil, eu assumo
Minha fragilidade não diminui minha força
[...]

Eu não vou lavar a louça
Sou mulher independente não aceito opressão
Abaixa sua voz, abaixa sua mão
Mais respeito
Sou mulher destemida
Minha marra vem do gueto
Se tavam querendo peso
Então toma esse dueto
Desde pequenas aprendemos
Que silêncio não soluciona
[...]

Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/mc-carol/100-feminista.html>.
Acesso em: 31 dez. 2016.

MC Carol cita Aqualtune, Dandara, Chica da Silva e Carolina de Jesus. Elas foram mulheres que se destacaram em nossa história e, por isso, precisamos conhecê-las.

Figura 27 – Aqualtune**Fonte:** GELEDÉS, 2017

Aqualtune Ezgondidu Mahamud da Silva Santos, conhecida por Aqualtune, era uma princesa africana filha do importante Rei do Congo que viveu no século XVII. Em uma guerra entre reinos africanos, comandou um exército de dez mil guerreiros quando os Jagas invadiram seu reino.

Derrotada, foi levada como escrava para um navio negreiro e vendida ao Brasil. Chegando ao Porto de Recife, principal centro produtor de açúcar e entreposto comercial da América Portuguesa, foi comprada para ser escrava reprodutora. Ao ficar grávida, Aqualtune fugiu para o Quilombo dos Palmares, um dos mais conhecidos da história do Brasil. Mãe de Ganga Zumba e avó de Zumbi dos Palmares, Aqualtune é um dos maiores símbolos de resistência e luta pela liberdade negra. A data de sua morte é desconhecida.

Figura 28 – Fotografia de Carolina Maria de Jesus



Fonte: GELEDÉS, 2016

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) nasceu em Minas Gerais, em uma comunidade rural onde seus pais eram meeiros (agricultores que plantam em terra alheia e dividem os resultados com o dono). Semianalfabeta e moradora da favela do Canindé, zona norte de São Paulo, trabalhava como catadora de papel e registrava o cotidiano da cidade em cadernos encontrados no lixo. Ela é considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do país. Escreveu *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria*: diário de uma favelada, dentre outros livros.

*“Eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade.
Nós, os pobres, somos os trastes velhos”.*

Carolina Maria de Jesus

Figura 29 – Pintura de Dandara



Fonte: GELEDÉS, 2014

Guerreira do período colonial do Brasil, **Dandara** foi esposa de Zumbi, líder do maior quilombo das Américas: o Quilombo dos Palmares. Com ele, Dandara teve três filhos. Valente, ela foi uma das lideranças femininas negras que lutou contra o sistema escravocrata do século XVII e auxiliou Zumbi quanto às estratégias e planos de ataque e defesa do quilombo. Há poucos registros historiográficos comprovando a existência de Dandara, que teria morrido um ano antes de Zumbi, jogando-se em um abismo para não ser entregue às forças militares que tentavam dominar o quilombo.

Figura 30 – Pintura do artista Marcial Ávila sobre Chica da Silva



Fonte: PREFEITURA, acesso em 2016

Chica da Silva, ou Francisca da Silva de Oliveira, foi uma escrava que viveu no Brasil, em Minas Gerais, na segunda metade do século XVIII. Filha de uma mulher negra escrava e um homem branco, não se sabe a data certa de seu nascimento. Recebeu carta de alforria quando passou a viver maritalmente com um rico contratador de diamantes português, João Fernandes de Oliveira. Naquele tempo, não era permitido o casamento entre negras forras e senhores brancos, mas mesmo assim eles permaneceram juntos durante quinze anos. A união do casal foi interrompida em 1770, quando João Fernandes retornou a Portugal depois da morte de seu pai. Chica da Silva permaneceu no Brasil com seus treze filhos e passou a administrar as fazendas do marido. Mesmo sem viver mais com João Fernandes, Chica da Silva conseguiu distinção social e respeito. Faleceu em 1796.

Atividade 17

- 1) Agora que já sabe um pouco sobre a vida dessas mulheres negras, na sua opinião, por que elas foram citadas na música?
- 2) Você já estudou sobre a participação das mulheres na história? Sobre quem você estudou? Se não estudou, por que será que isso aconteceu?
- 3) Como a música de MC Carol pode se relacionar com o quadrinho de Henfil (Figura 26) e a violência contra as mulheres negras?
- 4) É da escritora Carolina Maria de Jesus a frase: “Eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos”. Que diálogo podemos estabelecer entre racismo, violência contra as mulheres e a frase de Carolina?

Após as reflexões propostas pelos quadrinhos de Henfil em diálogo com outros textos, crie, em grupo, uma produção artística que denuncie a violência contra as mulheres negras e pobres das periferias.



CAPÍTULO VI

MUDANÇA DE ATITUDES: O COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

O Que Já Foi Feito? Quais os Direitos Que Já Foram Conquistados Pelas Mulheres?

Figura 31 – Relação dos direitos alcançados pelas mulheres no Brasil

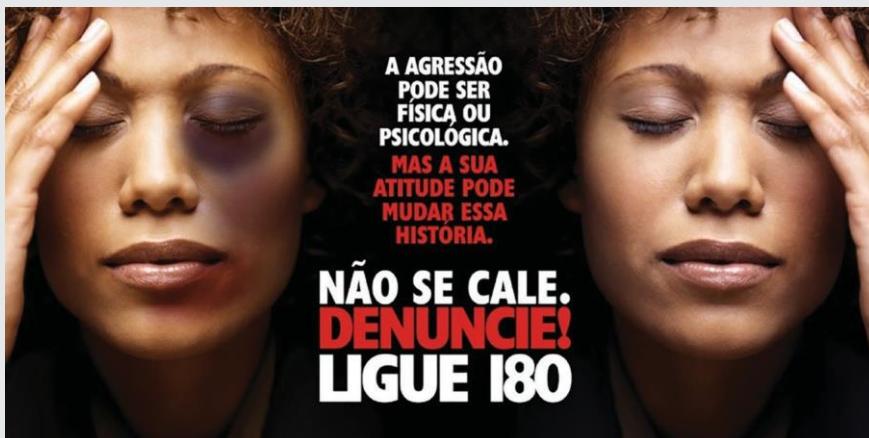


Fonte: MINISTÉRIO, acesso em 2017.

O Que Pode Ser Feito?

Henfil através de seus quadrinhos buscou denunciar uma triste realidade em nosso país: as várias violências cometidas contra mulheres e a culpabilização das vítimas. Além disso, Henfil procurou fazer com que seus leitores refletissem sobre suas práticas e, assim, mudassem de atitude. Nas imagens a seguir, vemos outros tipos de texto que objetivam também conscientizar a população e mostram caminhos para o combate à violência contra as mulheres: duas imagens de campanhas promovidas pelo Estado e dois grafites

Figura 32 – Campanha de enfrentamento à violência contra as mulheres



Fonte: Sindicato, acesso em 2016

Figura 33 – Campanha de enfrentamento à violência contra as mulheres



Fonte: SECRETARIA, acesso em 2016.

Figura 34 – Grafite sobre violência contra as mulheres



Fonte: COLETIVO, acesso em 2016

Figura 35 – Grafite sobre violência contra as mulheres



Fonte: COLETIVO, acesso em 2016

Atividade 18

- 1) Na Figura 33, a frase “Violência contra a mulher também é problema seu” dialoga com qual discurso muito utilizado em nossa sociedade?
- 2) O que o grafite (Figura 34), procura desnaturalizar, tirar da normalidade ao apresentar a mensagem: “A violência contra a mulher não é normal!”? Cite outras situações em que existe violência, porém ela é invisibilizada ou naturalizada.
- 3) Como a mídia contribui (ou não) com ações para combater a violência contra as mulheres?

Figura 36 – Grafite retratando a luta das mulheres contra a violência



Fonte: BOLADONA, acesso em 2016

Atividade 19

- 1) No grafite (Figura 36), houve a predominância de uma cor. Qual foi a intenção da artista?
- 2) A partir da análise das cores predominantes e da posição da mulher no grafite, que sentidos podem ser construídos tendo em vista os elementos verbo-visuais e a violência contra as mulheres?

Após os diálogos que construímos pelas atividades deste material educativo, percebemos que Henfil criticou em seus quadrinhos situações que deveriam (e devem) ser discutidas por todos a fim de buscarmos, juntos, caminhos menos violentos, mais justos, humanos e comunitários.

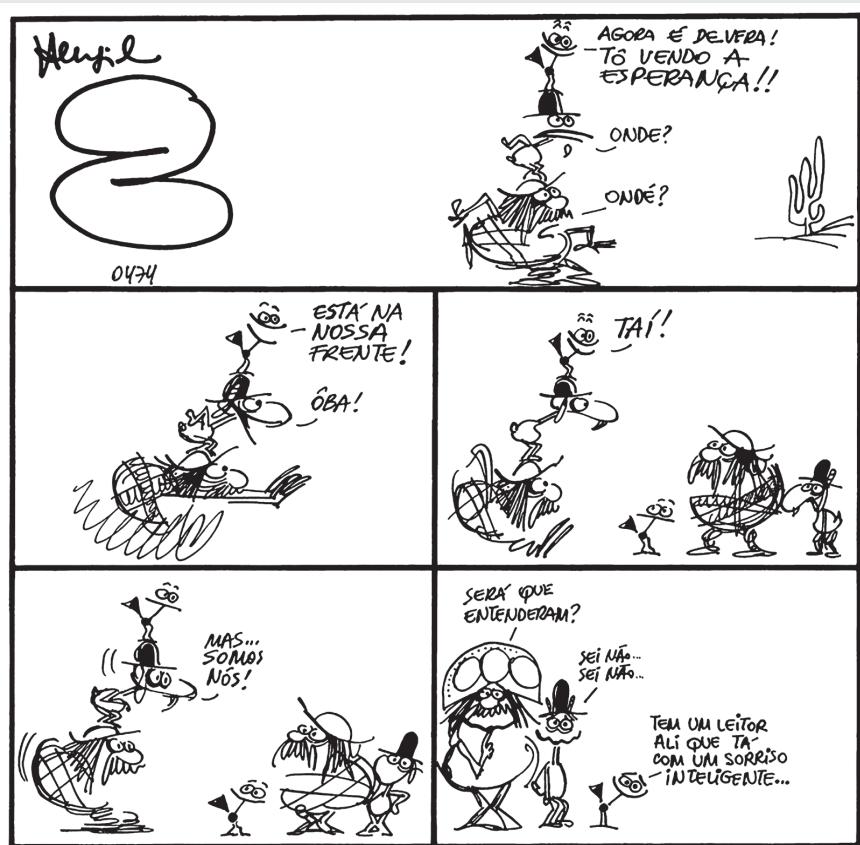
Há, portanto, uma esperança!

Figura 37 – Imagem da Graúna



Fonte: HENFIL, acesso em 2016

Figura 38 – Quadrinhos da Turma da Caatinga



Fonte: HENFIL, acesso em 2016

Na imagem da Graúna (Figura 37) e nos quadrinhos da Turma da Caatinga (Figura 38), em que os personagens dialogam com os leitores, Henfil mostrou que é possível ter esperança, pois pela leitura e acesso ao conhecimento sistematizado podemos mudar nossos comportamentos e a nossa compreensão sobre a realidade. Assim, buscamos, nas reflexões produzidas pelos quadrinhos de Henfil em diálogo com outros textos, conhecer um pouco mais sobre a violência contra as mulheres, indo além daquilo que chamamos senso comum. Ao entendermos melhor determinados fatos sociais, somos capazes também de modificá-los em prol de uma sociedade mais igualitária, menos violenta, e constituída por sujeitos plenos, críticos e que conseguem viver em comunidade.

Atividade 20

- O que você aprendeu sobre a violência contra as mulheres? Quais ações você pretende desenvolver para combatê-la? E de que forma os quadrinhos de Henfil contribuíram em seu aprendizado?

Escreva um pequeno texto expondo suas ideias.

Figura 39 – Pensamento de Henfil



Fonte: HENFIL, acesso em 2016

REFERÊNCIAS

A MENTE é maravilhosa. Dona de Casa: o rosto das mulheres invisíveis. 2016. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/dona-de-casa-rosto-mulheres-invisiveis/>. Acesso em: 31 dez. 2016.

ANARCAFEMINISTAS. Facebook, Disponível em: <https://www.facebook.com/Anarcafeministas-367887166725757/>. Acesso em: 02 set. 2016.

BAHIA. Secretaria Estadual de Políticas para Mulheres. Disponível em: <http://www.mulheres.ba.gov.br/>. Acesso em: 25 jun. 2016.

_____. Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Salvador e Litoral Norte. Facebook. Disponível em: <http://www.sindicatohrbs.com.br/campanha-nao-e-nao/>. Acesso em: 31 dez. 2016.

BOLADONA, Anarkia. In: NUNES, Brunela. **Hypeness**. 2015. Seleção Hypeness: 15 mulheres brasileiras que arrasam na arte do *graffiti*. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2015/11/selecao-hypeness-10-mulheres-brasileiras-que-arrasam-no-graffiti/>. Acesso em: 24 out. 2016.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília, 2011.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Atlas da Violência 2016. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/160322_nt_17_atlas_da_violencia_2016_finalizado.pdf. Acesso em: 25 abr. 2017.

_____. _____. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/planejamentobr>. Acesso em: 25 abr. 2017

_____. Trabalhodomésticoé a ocupação de 5,9 milhões de brasileiras. 2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/trabalho-domestico-e-a-ocupacao-de-5-9-milhoes-de-brasileiras>. Acesso em: 12 nov. 2016.

CANATO. **Madona do leite**. 1985. São Paulo. Óleo sobre tela, 80x100cm. Disponível em: <http://canato.com.br/wp/>. Acesso em: 01 dez. 2016.

COLETIVO das Mina. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ColetivoDasMina/photos/>. Acesso em: 24 out. 2016.

COMPROMISSO e Atitude. Alguns números sobre a violência contra as mulheres no Brasil. 2016. Disponível em: <http://www.promissoeatitude.org.br/alguns-numeros-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres-no-brasil/>. Acesso em: 31 dez. 2016.

FREITAS, Ana. O que sabemos sobre a violência virtual contra as mulheres. Nexo Jornal. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/05/O-que-sabemos-sobre-a-viol%C3%A3o-virtual-contra-as-mulheres>. Acesso em: 20 abr. 2017.

GELEDÉS. Instituto da Mulher Negra. 2014. Onde estão os heróis negros na história do Brasil. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/onde-estao-os-heróis-negros-na-historia-brasil/>. Acesso em: 30 jul. 2016.

_____. _____. 2016. Mulher e linguagem em Carolina de Jesus. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulher-e-linguagem-em-carolina-de-jesus/>. Acesso em: 25 jul. 2016.

_____. _____. 2017. Mulheres negras no cotidiano da cidade de Salvador no século XIX. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-no-cotidiano-da-cidade-de-salvador-no-seculo-xix/>. Acesso em: 04 dez. 2017.

HENFIL. Centro Cultural São Paulo. 2016. Disponível em: <http://www.centro-cultural.sp.gov.br/gibiteca/henfil.htm>. Acesso em: 21 jun. 2016.

_____. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/Henfil.Oficial>. Acesso em: 21 jun. 2016.

_____. Fradim 7. Rio de Janeiro: Codecri, 1976. 50 p.

_____. Fradim 16. Rio de Janeiro: Codecri, 1977. 50 p.

_____. Fradim 20. Rio de Janeiro: Codecri, 1977. 52 p.

_____. Fradim 29. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. 50 p.

INSTITUTO Durango Duarte. Disponível em: <http://idd.org.br/acervo/obra-o-jantar/>. Acesso em: 30 dez. 2016.

MACÊDO, Érika Sabino de. **Leitura de imagem, dialogismo e graffiti: contribuições para o ensino da Arte.** 2015. 301 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2015.

MALTA, Márcio. **Henfil:** o humor subversivo. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 92 p.

MC CAROL. **100% Feminista.** 2016. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/mc-carol/100-feminista.html>. Acesso em: 31 dez. 2016.

MINAS GERAIS. Prefeitura Municipal de Diamantina. **A Rainha das Américas: a verdadeira história de Chica da Silva.** Disponível em: <http://diamantina.mg.gov.br/noticias/a-rainha-das-americas-a-verdadeira-historia-de-chica-da-silva/>. Acesso em: 10 set. 2016.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Cultura e política entre Fradins, Zeferinos e Orelanas.** São Paulo: Annablume, 2010. 280 p.

RIO DE JANEIRO. Ministério Público. Facebook. Disponível em: Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/MPRJ.Oficial/photos/>. Acesso em: 30 dez. 2016.

SAMBA. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2558/samba>. Acesso em: 26 dez. 2016. Verbete da Encyclopédia.

SANTA CATARINA. Ministério Público. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriopublicosc>. Acesso em: 24 mai. 2017.

SÃO PAULO. Sindicato dos Funcionários da Fazenda. Facebook. Disponível em: http://www.sindfesp.org.br/detalhes_conteudo.php?cod_conteudo=771. Acesso em: 30 dez. 2016.

TROSS, Sérgio. **Garfo e água fresca**. São Paulo: Ática, 1977. 80 p.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. 2015. Disponível em: www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/. Acesso em: 31 dez. 2016.

